

INCLUSÃO DE ALUNOS NÃO INDÍGENAS EM ALGUMAS ESCOLAS INDÍGENAS DE PRADO NA BAHIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES¹

INCLUSION OF NON-INDIGENOUS STUDENTS IN SOME INDIGENOUS PRADO SCHOOLS IN BAHIA: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Maicon Rodrigues dos SANTOS²

RESUMO: A Educação Escolar Indígena foi pensada exclusivamente para os estudantes indígenas. No entanto, existem situações em que estudantes não indígenas passam a frequentar as unidades escolares indígenas. Portanto, esta pesquisa tem como finalidade analisar o processo de inclusão de alunos não indígenas no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, no Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó e Colégio Estadual Indígena Tawá, todos no município de Prado na Bahia. Em relação ao processo metodológico desta pesquisa, utilizou-se o método qualitativo através de entrevistas e pesquisas de cunho bibliográficas. Como resultados e discussão percebe-se que em determinados locais há facilidades em incluir os estudantes não indígenas, já em outros há dificuldades. Por fim, constata-se a possibilidade de incluir os estudantes não indígenas em escolas indígenas, porém isso vai depender da escola e comunidade indígena a qual estes estudantes pretendem estudar.

Palavras-Chave: Educação Escolar Indígena; Estudantes não indígenas; Incluir.

ABSTRACT: Indigenous School Education was designed exclusively for indigenous students. However, there are situations in which non-indigenous students attend indigenous school units. Therefore, this research aims to analyze the process of inclusion of non-indigenous students in the Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó and Colégio Estadual Indígena Tawá, all in the municipality of Prado in Bahia. In relation to the methodological process of this research, the qualitative method was used through interviews and bibliographic subjects. As a result and discussion, it is clear that in certain places it is easy to include non-indigenous students, while in others there are difficulties. Finally, there is a possibility to include non-indigenous students in indigenous schools, however this will depend on the indigenous school and community that these students intend to study.

Keywords: Indigenous School Education; Non-indigenous students; Include.

INTRODUÇÃO

Atualmente existem escolas indígenas que possuem em seus ambientes escolares discentes não indígenas. Isto se dá devido a estes alunos morarem em locais próximos à aldeia e não terem como se deslocarem para uma escola não indígena por conta da distância. Essa necessidade faz com que seja necessário que estes discentes deem seguimento aos seus estudos em uma comunidade indígena. Este encontro de culturas dentro da sala de aula de uma escola indígena torna a interculturalidade como um fator primordial, pois é necessária uma convivência harmônica e dialógica entre os estudantes não indígenas e os estudantes indígenas.

¹ Recebido em: setembro de 2020 | Aceito em: dezembro de 2022.

² Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa. Especialista em Educação Escolar Indígena pela Faculdade Alfamérica. Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais pela UFSB/CPF. Doutorando em ensino pela UESB, através do programa de pós-graduação em ensino (PPGE). E-mail: maicon.rodrigues1@hotmail.com

Para Nascimento (2014),

[...] uma proposta de educação intercultural não deve limitar-se somente à dimensão da diferença, esquecendo a dimensão da desigualdade e as relações de poder e dominação às quais as minorias étnicas são submetidas, pois se não houver uma preocupação com estes últimos aspectos, a educação ainda que “intercultural”, continuará contribuindo para a reprodução das estruturas de discriminação social (p. 255).

A fala de Nascimento (2014) é muito enfático, pois não basta apenas que os estudantes não indígenas compreendam que os povos autóctones são diferentes, eles precisam conhecer a verdadeira história dos povos aborígenes, porque a maioria dos livros didáticos não trazem uma abordagem precisa sobre as populações nativas. Para Collet, Paladino e Russo (2014) “Os livros didáticos dedicam pouca atenção a tais temáticas e em muitos casos, infelizmente, ainda reproduzem os estereótipos [...] (p. 7).

Os estudantes não indígenas quando passam a frequentar uma escola indígena, eles percebem de imediato que o funcionamento desta instituição é muito diferente da que eles estão acostumados a presenciar. Os rituais antes de iniciar as atividades escolares, a disciplina de Língua Indígena, as datas comemorativas e os conteúdos especificamente indígenas são alguns aspectos que eles percebem como diferentes do que eles já tinham observando nas escolas anteriores.

A autora Nascimento (2009) salienta que entre os índios Tapeba do Ceará, há eventos para os não indígenas presenciarem com a finalidade de diminuir o preconceito. Nesses eventos os estudantes não indígenas estavam participando e isso não tem agradado a todos os professores indígenas e lideranças. Então surgiu divisão de opiniões: um lado apoiava que os estudantes não indígenas participassem destes eventos, e o outro lado pensava que isso enfraqueceria a cultura. Os professores e lideranças que concordavam com a participação destes educandos consideram que o impedimento a estes seria, também, uma forma de reprodução do preconceito, coisa que eles estavam tentando minimizar através destas apresentações culturais.

Houve situações no estado de Roraima, conforme Nascimento (2014), em que os estudantes não indígenas que moravam em fazendas foram impedidos de estudarem dentro da comunidade por conta de um senhor conhecido como Clovis: “Como a escola havia sido construída dentro da terra indígena agora já identificada, o senhor Clovis, não queria que os alunos não indígenas viessem estudar ali [...]” (p. 121-122). É importante salientar que Clovis era o tuxaua³ da comunidade e que havia se desentendido com os fazendeiros e com as comunidades circunvizinhas conforme a pesquisa do autor. Talvez esse fosse o motivo de este não aceitar os estudantes não indígenas frequentarem a escola indígena.

³ Líder da comunidade indígena, também conhecido como o cacique.

Para Silva (2014) o fato de os índios Pataxó do distrito de Cumuruxatiba não aceitarem estudantes não indígenas em sua escola, no ano de sua pesquisa de Mestrado, tinha como motivo o fato de os Pataxó deste distrito passarem por diversas situações de preconceito. Portanto, eles queriam ter a sua escola específica e diferenciada, de forma que eles pudessem praticar as suas atividades culturais sem passar pelo olhar preconceituoso que esses educandos pudessem trazer do seio familiar.

Os autores acima nos mostram que cada escola indígena tem uma forma diferente para tratar sobre a inclusão de estudantes não indígenas em escolas indígenas. Não se quer aqui discutir qual escola está com a razão, tendo em vista que a Educação Escolar Indígena é comunitária e cada comunidade tem uma visão sobre cada assunto. O que percebemos em alguns destes autores é que eles tratam sobre situações de preconceito. No primeiro caso, o preconceito acontece com os índios Tapeba; no segundo, o senhor Clovis considera melhor que os estudantes não indígenas, não estudem na escola indígena, e no terceiro caso, o preconceito acontece com os aborígenes Pataxó do distrito de Cumuruxatiba em Prado na Bahia.

A participação de estudantes não indígenas em escolas indígenas é uma realidade que deve ser encarada na atualidade. Cabe a cada comunidade indígena discutir estas possibilidades de inclusão, considerando a realidade destes alunos não indígenas. A inclusão destes alunos em uma escola indígena pode melhorar a compreensão destes discentes em relação às populações autóctones, mudando suas visões e promovendo uma convivência respeitosa. Este artigo tem como finalidade analisar o processo de inclusão de alunos não indígenas nos Colégios Aksã, Corumbauzinho e Tawá, no município de Prado na Bahia. Essa análise considerou as dificuldades que os profissionais destas instituições de ensino encontraram para inclui-los e, também, situações de êxito.

MÉTODOS

O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo com a utilização de entrevistas de forma pessoal ou através de aplicativos de mensagens (*WhatsApp*). Além das entrevistas, houve pesquisa bibliográfica de autores indígenas e não indígenas que trazem abordagens sobre o assunto. Os locais onde foram feitas esta pesquisa foram nos colégios indígenas a seguir: Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, Colégio Estadual Indígena Tawá e Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó, todos pertencentes ao distrito de Corumbau em Prado na Bahia. Sobre os entrevistados, foram três professores e um pai de aluno do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, a diretora do Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó e o diretor do Colégio Estadual Indígena Tawá.

Os entrevistados relataram experiências vividas no cotidiano escolar através da observação dos estudantes não indígenas. Essas observações aconteciam na sala de aula, no momento do intervalo de aula, em datas comemorativas e demais eventos que aconteciam nas unidades escolares. No caso do pai dos alunos não indígenas, ele relatou situações que ele tem presenciado no decorrer do ano letivo e nas reuniões de pais.

O Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho pertence à aldeia Corumbauzinho no município citado e foi fundado no ano de 1992 tendo como nome Escola Municipal Pedro Álvares Cabral. Em 2004 este colégio se estadualizou e passou a denominar-se de Escola Estadual Indígena de Corumbauzinho. Já em 2014, a até então Escola Corumbauzinho passou a chamar-se de Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho pelo fato de passar a ofertar o Ensino Médio. Neste colégio estudam alunos indígenas da referida comunidade, alguns alunos indígenas da aldeia Águas Belas e, também, alunos indígenas da Comunidade dos Pires (a comunidade não é uma aldeia, mas possui estudantes indígenas), alunos não indígenas de uma fazenda próxima à aldeia e alunos não indígenas de uma localidade conhecida como Modelo.

O Colégio Estadual Indígena Tawá localiza-se na aldeia Tawá, também no município de Prado na Bahia. Este colégio, segundo o diretor do Colégio, Arisnando de Aragão Ribeiro, possui estudantes indígenas da própria aldeia indígena, e estudantes não indígenas das comunidades vizinhas. As comunidades vizinhas são: Ponta do Corumbau, Carroula, Lourinho, Pranchão, Come quem Leva e Agrovila.

O Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó pertence à aldeia Craveiro do mesmo município. Segundo a diretora Tânia Alves Maciel, neste colégio estudam estudantes indígenas da comunidade citada e estudantes não indígenas de fazendas próximas e de um local conhecido como Agrovila. É importante salientar que tanto o Colégio Tawá quanto o Aksã Pataxó já foram anexos do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho. A emancipação ocorreu entre os anos 2014 e 2015.

Em relação às pesquisas bibliográficas, traz-se alguns excertos de artigos, dissertações, teses e livros, sejam eles de autores indígenas ou autores não indígenas. Dentre estes autores temos Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento (2014), Rita Gomes do Nascimento (2009), Gersem Baniwa (2019), Edson Kayapó (2019), Vera Lúcia da Silva (2014), Célia Collet, Mariana Paladino e Kelly Russo (2014), e Gean Carlos Rezende (2004). Estes autores fizeram as suas pesquisas voltadas para a temática indígena. Portanto, foram imprescindíveis na composição desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Baniwa (2019) “Os povos indígenas possuem seus processos educativos próprios, em alguns casos, muito distintos das escolas não indígenas, estimulados pela legislação brasileira que lhes possibilita uma educação escolar específica e diferenciada” (p. 69). Essa especificidade a qual Gersem Baniwa trata, só foi possível após muita luta das populações nativas para que a educação escolar indígena fosse de acordo com o que as comunidades destes povos almejavam. Baniwa (2019) ainda frisa que

[...] a escola indígena é o espaço, por excelência, de diversidade, não apenas étnica, cultural e linguística, mas também de gênero, diferenças etárias, de visões de mundo, projetos coletivos e valores. Nas escolas indígenas é comum a existência de pessoas de diferentes culturas, línguas e idades numa mesma sala de aula: salas multietárias, multisseriadas e multiculturais (p. 182).

Partindo do pressuposto de que a escola indígena é o espaço de diversidade, é importante salientar que existem escolas indígenas que possuem estudantes não indígenas no seu dia a dia, estudando com os alunos indígenas. Da mesma forma existem escolas indígenas que optaram por não ter, naquele momento, estudantes não indígenas frequentando as suas instituições de ensino.

Segundo Silva (2014) “[...] não é uma regra das instituições escolares indígenas não receber alunos não indígenas, tanto é que nas unidades de Corumbauzinho e Bom Jesus, situadas em território já demarcado ou parcialmente demarcado, há alunos, poucos bem verdade, não indígenas” (p. 55). No caso destas duas comunidades nativas no município de Prado, existem educandos não indígenas estudando normalmente, mas existem outras comunidades autóctones que não permitem o acesso de alunos não indígenas à escola de suas aldeias. O fato de algumas comunidades indígenas não permitirem o acesso de alunos não indígenas em suas escolas tem os seus motivos. Por exemplo, segundo Silva (2014) o motivo de alguns educandos não indígenas não estudarem em uma unidade escolar de indígena de Cumuruxatiba seria “[...] o forte preconceito ainda sofrido pelos Pataxó no distrito” (p. 56). Ou seja, o preconceito sofrido pelos Pataxó de Cumuruxatiba, em Prado na Bahia, fez com que essa comunidade indígena tomasse essa decisão. O preconceito para Rezende (2003) é

[...] a atitude negativa que tem a intenção de criar um ambiente de desigualdade, que não considera a diferença entre pessoas ou grupos, que põe o outro em situação de desigualdade. O preconceito é a recusa em reexaminar as convicções, podendo se tornar dogmas que podem levar à discriminação. Considerando o diferente como inferior, dele são excluídos dos privilégios que os “melhores” desfrutam. Entende-se que a manifestação comportamental de preconceito é a discriminação (p. 17).

Como afirmado por Silva (2014), o Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho recebe estudantes não indígenas, porém os professores desta unidade escolar tiveram dificuldades para

incluir estes discentes no colégio. O professor Adecllyton dos Santos Paixão⁴, ao ceder uma entrevista para esta pesquisa, disse que “Os estudantes tinham receio de estudar neste colégio, devido pensarem que para estudar nele teriam que ficar nus, pois essa era a imagem que eles tinham de índio”. Ou seja, provavelmente, devido à influência da mídia e dos livros didáticos, estes educandos já tinham uma visão estereotipada sobre o indígena. Depois que estes discentes começaram a estudar no colégio indígena, a visão deles passou a mudar. Sobre isso o professor Adecllyton afirmou: “Depois que estes estudantes começaram a frequentar as aulas, eles perceberam que a forma com que aconteciam estas, não era a forma que eles imaginavam e, então, houve esta desconstrução de pensamentos”. Essas dificuldades decorrem através da grande influência da mídia, por influência dos pais, pelos livros didáticos que não mostram a realidade indígena de fato e, principalmente, pelo “[...] currículo que produz e reproduz a invisibilidade e a inaudibilidade destes povos, rejeitando o reducionismo de suas memórias e histórias” (KAYAPÓ, 2019, p. 59).

Sobre a participação dos estudantes não indígenas nas atividades escolares, o professor Manoel Robson Paraguassú da Silva⁵ reforçou que os alunos não indígenas possuem “[...] dificuldade em interagir com a cultura indígena”. Isto é compreensível, porque estes educandos nunca tinham estudado em uma escola indígena. Portanto, ao chegar a uma escola diferente, eles tiveram de adaptar-se ao currículo local. O professor também frisa que “[...] o que está faltando mesmo é conversar, principalmente, com os pais. Antes de começar as aulas, fazer uma reunião geral só com os pais não indígenas para tentar explicar como é que funciona a necessidade destes alunos estarem participando até para a melhoria deles no futuro”. Sobre o contato com os pais, o diretor do Colégio Estadual Indígena Tawá, Arisnando de Aragão Ribeiro reforça que

Inicialmente a gente apresenta como que é a escola, convida os pais, a gente diz que tem a questão da interculturalidade, é uma escola indígena. O aluno ali é submetido a um aprendizado diferenciado com a valorização dos saberes indígenas, com a valorização tradicional, a história da comunidade, a língua indígena. Posterior a isso, a gente explica que tem a questão das pinturas, jogos, cânticos na língua. É feito também uma reunião com os pais para dizer isso, e é trabalhado em seguida de forma igual, até mesmo para trabalhar a questão da igualdade. A gente trabalha a questão da igualdade racial, social [...]”.

De acordo com as falas do professor Manoel Robson e do diretor Arisnando, o diálogo com os pais é muito importante para que os estudantes não indígenas participem

⁴ Professor de História no Ensino Médio e Ensino Fundamental no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho e cursista da Licenciatura Intercultural no Instituto Federal da Bahia em Porto Seguro.

⁵ Atou como professor no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho auxiliando na parte pedagógica até março de 2020. Possui formação em Pedagogia e especialização em Gestão Escolar, Educação Escolar Indígena e Metodologia do Ensino de História e Geografia.

efetivamente das atividades propostas pela escola indígena. Sem este diálogo inicial, estes educandos tendem a se sentirem retraídos por não terem um incentivo familiar. Mesmo que haja incentivo pelos professores e estudantes indígenas, o incentivo dos pais deve ser um dos principais para a motivação destes discentes.

A, até então, professora Damiana da Cruz Deocleciano⁶, do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, relatou que houve um dia em que um pai de uma aluna não indígena do colégio citado teve receio de que sua filha levasse uma faca para a escola. Então, o pai foi até o Colégio dialogar com o responsável pela unidade escolar, porém o diretor não estava, pois estava resolvendo outros assuntos escolares. Em diálogo com uma educadora desta Unidade Escolar, ele afirmou que isso era uma atitude errada, pois os alunos não poderiam levar facas para a escola. O pai tinha a intenção de tirar a filha da escola por esse motivo. A professora com a qual ele dialogava explicou que nesta escola indígena, o uso da faca seria para raspar as mandiocas na farinha para fazer os beijus, e que na escola nunca aconteceu situações em que os educandos utilizassem a faca para a violência e, sim, para a preservação da cultura. O pai ficou impressionado e disse que não iria mais tirar a filha da escola.

A experiência deste pai foi muito significativa para os educadores desta escola, pois, para Baniwa (2019), “[...] culturas distintas provocam impactos e os impactos geram novos sujeitos” (p. 69). O impacto que este pai teve com uma nova cultura, com uma escola diferente das que a sua filha já estudou, com certeza, mudou muito o pensamento que ele tinha sobre os povos aborígenes.

O pai de alguns estudantes não indígenas que frequentam este Colégio Indígena, Damião de Jesus Santos, relatou que “Os meus filhos não são índios não tem? Que a gente mora aqui na fazenda, aí vocês receberam eles bem, todo mundo receberam: professores, diretor, e o que eu tenho a falar a respeito do colégio é que é um colégio bom, de boa qualidade”. Percebe-se através da fala deste pai, que ele considera a escola indígena a qual os seus filhos estudam, de boa qualidade. Com isso, é importante frisar que mesmo que as escolas indígenas não possuam uma infraestrutura adequada a realidade de sua clientela, todo o Corpo Escolar se esforça para passar uma educação de qualidade para os educandos, sejam eles nativos ou não.

A diretora do Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó, Tânia Alves Maciel, ao ceder uma entrevista para esta pesquisa disse que vê “[...] de forma bem natural esta inclusão deles, inclusive são crianças que se destacam bastante em relação à cultura indígena, eles demonstram aquele prazer em estar praticando [...]”. No caso desta Unidade Escolar, percebe-se que não há dificuldades de

⁶ Atuou como professora de Ciências e Biologia para o Ensino Fundamental e Médio, e como professora de Educação Infantil. Atualmente atua como vice-diretora do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho. Cursa Licenciatura Intercultural na Universidade Federal de Minas Gerais.

incluir-se os estudantes não indígenas. Estes possuem facilidade em lidar com a cultura indígena, como ressalta a diretora desta Instituição de Ensino. Dando seguimento a entrevista, a diretora reforça que já trabalhou em escola não indígena com as filhas dela estudando nesta e percebeu que é totalmente diferente. Ela ressaltou que “[...] elas se sentiam meio perdidas naquele meio, e aqui é justamente o contrário, os alunos não indígenas são incluídos naturalmente com os demais”. Compreende-se através da fala da diretora que, para ela, a escola indígena possui mais facilidade para incluir os estudantes não indígenas do que a escola não indígena incluir os estudantes indígenas. Sobre isso, Nascimento (2009) destaca que quando um estudante indígena da etnia Tapeba estava estudando em uma escola não indígena, ele teve que sair, devido à diretora da escola ameaçá-lo de cortar-lhe o cabelo (ele utilizava cabelo comprido), alegando que naquela região não havia índios e, sim, caboclos.

Nas histórias contadas pelos Tapeba que narram a criação de suas escolas aparece a figura de um jovem índio, aluno de uma escola não indígena do distrito de Capuan, que teria sido discriminado por sua fisionomia pela diretora e os outros alunos. Contam que, pelo fato do garoto usar cabelos compridos, ele era perseguido na escola, sendo alvo de constantes situações de preconceito. Sob a ameaça da diretora de cortar-lhe o cabelo com uma faca, com a ajuda dos seus colegas de classe, o jovem decide abandonar a escola (p. 85).

Após as análises das entrevistas e da pesquisa bibliográfica, percebe-se que nas escolas pesquisadas não há objeção em aceitar estudantes não indígenas frequentando as aulas. Todas elas possuem estudantes não indígenas estudando regularmente. Entretanto, as inclusões ocorrem de maneiras diferentes. No caso do Colégio Aksã Pataxó acontece naturalmente, ou seja, os professores desta Unidade Escolar não possuem dificuldades em inclui-los, pelo contrário, os alunos possuem muita facilidade neste processo de inclusão. No caso do Colégio Tawá, não foi relatado nenhuma dificuldade no processo de inclusão. Talvez isso tenha ocorrido através da preocupação do diretor em dialogar com os pais antes de iniciar o período letivo. No Colégio Corumbauzinho há uma dificuldade um pouco maior: alguns discentes não participam dos rituais, ou participam de forma esporádica. Inicialmente alguns pensavam que índio era aquele que vivia nu, mas com o passar do tempo eles compreenderam que não era assim.

Em relação a situações de preconceitos ocorridos dentro das unidades escolares, nenhum entrevistado relatou algo parecido. As dificuldades encontradas foram apenas sobre questões de participação em atividades, porém situações de preconceito não foram relatadas. Isso é muito importante: essa convivência harmoniosa dentro do ambiente escolar, pois faz com que a interculturalidade seja reforçada e que pensamentos estereotipados sobre os nativos sejam rompidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise das falas dos entrevistados e dos autores pesquisados, conclui-se que: 1) existem situações em que os estudantes não indígenas podem estudar em uma escola indígena e existem situações que não. Depende muito do contexto da escola e da comunidade indígena envolvida; 2) a visão estereotipada que os estudantes não indígenas tem sobre os povos autóctones rompe-se desde que estes educandos começam a participar das aulas e conviver com os nativos no período letivo; 3) para que os estudantes não indígenas passem a interagir com mais frequência nas atividades escolares, deve haver, de fato, reuniões específicas com os pais não indígenas para estes acompanharem e orientarem os seus filhos a participarem das atividades letivas, pois o diálogo é o fator principal para que estes educandos sejam incluídos de forma satisfatória; 4) não houve situações de preconceito nos colégios pesquisados, apenas alguns equívocos que foram sanados com o passar do tempo; 5) a escola indígena tem mais facilidade em incluir estudantes não indígenas do que as escolas não indígenas em incluir estudantes indígenas.

REFERÊNCIAS

- BANIWA, G. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 296 p.
- COLLET, C.; PALADINO, M.; RUSSO, K. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, v. 3, 2014. 110 p.
- KAYAPÓ, E. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? In: SESC, D. N. **Culturas indígenas, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: Educação em Rede, 2019. p. 56-80.
- NASCIMENTO, R. G. D. **Rituais de Resistência: Experiências Pedagógicas Tapeba**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 209. 2009.
- NASCIMENTO, R. N. F. D. **INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA EM RORAIMA: DA NORMATIZAÇÃO À PRÁTICA COTIDIANA**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 264. 2014.
- REZENDE, G. C. **A RELAÇÃO ENTRE INDÍGENAS E NÃO-INDÍGENAS EM ESCOLAS URBANAS: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE CAMPINÁPOLIS-MT**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, p. 121. 2003.
- SILVA, V. L. D. **Leitura e interculturalidade em uma escola Pataxó no Prado – BA**. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 132. 2014.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador de Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, Drº André de Almeida Rego.

Aos diretores Arisnando de Aragão Ribeiro do Colégio Estadual Indígena Tawá e Tânia Alves Maciel do Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó

Aos professores Manoel Robson Paraguassú da Silva, Adeclylton dos Santos Paixão e Damiana da Cruz Deocleciano.

Ao Pai de aluno Damião de Jesus Santos.